

Futebol e Cidade: entrevista com Gilmar Mascarenhas

Football and City:
Interview with Gilmar Mascarenhas

Sérgio Settani Giglio

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Doutor em Ciências, USP

Enrico Spaggiari

Doutor em Antropologia, USP

RESUMO: Entrevista realizada com o professor Gilmar Mascarenhas durante o I Simpósio Internacional: Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer, realizado em setembro de 2013, na cidade de Belo Horizonte. Na entrevista, Gilmar Mascarenhas abordou temas da política urbana, territorialidades, estádios de futebol, legados e impactos na cidade a partir de estudos sobre os megaeventos esportivos no Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Gilmar Mascarenhas, Futebol e cidade, Geografia urbana, Megaeventos

ABSTRACT: Interview with Professor Gilmar Mascarenhas during the I Simpósio Internacional: Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer, held in September 2013, in the city of Belo Horizonte. In the interview, Gilmar Mascarenhas addressed themes of urban politics, territorialities, football stadiums, legacies and impacts on the city from studies on the mega sports events in Rio de Janeiro.

KEYWORDS: Gilmar Mascarenhas, Football and City, Urban Geography, Mega Events.

Entre as inúmeras possibilidades que tínhamos para definir o título desta entrevista escolhemos o nome da coluna que o querido professor Gilmar Mascarenhas assinava no *Ludopédio*. O convite feito em 15 de julho de 2017 representava uma mudança que começávamos a implementar no *Ludopédio*: dar maior visibilidade para a sessão Arquibancada e isso seria feito em uma aproximação com pesquisadores e pesquisadoras sobre futebol.

Os quatro dias que separam o envio da resposta nos deixaram apreensivos. Será que o Gilmar aceitaria? A resposta simples e carinhosa era uma das marcas de Gilmar. Assim ele nos respondeu: "Com prazer! Aceito". Na sequência dissemos que a frequência seria mensal e isso assustou um pouco o Gilmar, como pode se ver na sua resposta: "Uai... não sabia que tinha compromisso de produzir mensalmente um texto! Deixa eu pensar melhor, já te respondo." Logo em seguida, com os dizeres "vamos fazer um teste" começou a coluna Futebol e Cidade.

O fato é que o teste nunca aconteceu. Gilmar gostava de escrever para o *Ludopédio*. Como dizia para os mais pró-

ximos, "escrever para o *Ludopédio* era uma diversão, não um trabalho". De setembro de 2017 a 25 de julho de 2019 foram publicados 22 textos na coluna. A cada viagem que Gilmar fazia a trabalho recebíamos um texto novo falando do que ele adorava falar: futebol, estádios e cidade.

A entrevista que se segue foi realizada muito antes do início da coluna. Ela foi realizada durante o I Simpósio Internacional: Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer, realizado em setembro de 2013, na cidade de Belo Horizonte. Mas foi publicada somente no ano seguinte, a dividimos em duas partes no *Ludopédio*, sendo a primeira publicada no dia 12 de março de 2014¹ e a segunda no dia 26 de março de 2014.²

A conversa com Gilmar passou pelos assuntos que o constituíam como ser humano e como crítico de uma sociedade que transformava os espaços para segregar as pessoas. Gilmar tinha na interface entre geografia e futebol uma jane-

¹ Gilmar Mascarenhas, *Ludopédio*, v. 10, n. 5, 2014. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/gilmar-mascarenhas/>.

² Gilmar Mascarenhas, *Ludopédio*, v. 10, n. 6, 2014. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/gilmar-mascarenhas-parte-2/>.

la interessante para acessar essas dinâmicas urbanas, suas contradições e possibilidades.

“Como pode a geografia contribuir com os estudos sobre o futebol? Sem jamais alcançar uma resposta definitiva, há 25 anos me dirijo essa indagação. Mas acumulo algumas pistas interessantes, e muito trabalho amalhado desde então” (2020, p. 493). Este foi o questionamento de Mascarenhas em um de seus últimos textos publicados. E ninguém melhor que o próprio Gilmar para responder a essa pergunta.

Grande parte de sua obra foi construída na intersecção entre esportes, urbanização e cultura. Seus trabalhos pioneiros sobre a espacialidade do futebol na urbanização brasileira permitem problematizar questões sobre cotidiano, territórios, espaços públicos e planejamento urbano. A centralidade do futebol para a compreensão de certas dinâmicas geográficas aparece, de forma notável, em sua tese de doutorado na Universidade de São Paulo, *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*, quando Gilmar se voltou a uma geografia dos esportes e uma geografia do lugar, abordando questões rela-

cionadas à difusão do futebol no Brasil e aos aspectos da configuração socioespacial do Rio Grande do Sul que auxiliaram na entrada e consolidação da prática futebolística nos campos e planaltos riograndenses.

Posteriormente, além de atuar como professor de Geografia Urbana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor visitante na Université Michel de Montaigne Bordeaux III, Gilmar realizou também pesquisas sobre política urbana, territorialidades, estádios de futebol, legados e impactos na cidade a partir de estudos sobre os megaeventos esportivos no Rio de Janeiro, sempre de uma perspectiva geográfica.

Seu falecimento inesperado em um acidente de trânsito quando estava de bicicleta cessou uma produção e reflexão fundamental para entender a nossa sociedade. Porém, sua obra continua como uma inspiração para não desistirmos, para lutarmos por um mundo melhor e um mundo que seja feito pelas pessoas. Nesse sentido, a entrevista é uma forma de ter Gilmar Mascarenhas presente.

Gilmar, em seu mestrado você trabalhou com questões relacionadas à cidade, sociabilidades, territorialidades, espaço público. No doutorado, voltou-se a uma geografia dos esportes e uma geografia do lugar, abordando questões relacionadas à difusão do futebol no Brasil. Conte como iniciou o seu interesse acadêmico pelo universo futebolístico.

Acho que o ponto de partida é o mesmo para quase todos nós. Primeiro, a gente gosta de futebol, joga futebol, se apaixona, aí depois, mais tarde, vai pensar em como conciliar essa paixão pelo futebol com nosso trabalho acadêmico. Então o ponto de partida é a vivência do futebol, o prazer que o futebol traz. Sendo geógrafo, no começo parecia muito difícil ou impossível trabalhar com futebol, porque no Brasil não existia nenhuma geografia do futebol. O que existia eram alguns trabalhos sobre futebol de várzea em São Paulo. Trabalhos da professora Odete Seabra e do professor André Martin, ambos do Departamento de Geografia da USP, que fizeram teses sobre bairros operários e fizeram menção ao futebol de várzea. Mas são menções muito rápidas. No Rio de Janeiro,

Márcio Piñon, professor da UFF, fez uma dissertação sobre a Fábrica de Tecidos Bangu e incluiu o clube de futebol do bairro, mas repito: o futebol comparecia de forma muito rápida e marginal na obra destes pesquisadores. Para quem é da área de História, Antropologia ou Sociologia, o futebol está muito mais próximo. Existe alguma tradição de estudos. Na Geografia não. Por isso foi mais tarde, em 1995, que eu conheci o trabalho do geógrafo John Bale. Primeiro, houve uma motivação especial, que foi a criação do Núcleo de Sociologia do Futebol na UERJ, instituição onde eu atuo. Iniciativa do professor Mauricio Murad, que criou o grupo em 1993 e fez um evento em 1994, celebrando 100 anos de futebol no Brasil. Fui assistir, conheci o Mauricio Murad e ele me encorajou: “Claro, é possível fazer sim uma ligação entre geografia e futebol”, e no ano seguinte, em uma viagem à Londres, encontrei trabalhos do John Bale, como o livro *Sport, Space and The City*. Bom, então percebi que era viável. No mestrado eu havia realizado uma pesquisa sobre as feiras livres, porque eu sempre tive um grande interesse por estudar a rua, o espaço público e a vida pública. O próximo passo

era pensar o futebol. Fui fazer na USP porque a professora Odette Seabra, que já tinha um trabalho sobre futebol varzeano, acolheu muito bem a proposta.

Como você disse, o futebol estava muito presente em sua vida. Em algum momento você tentou ser jogador e seguir outra geografia pelos campos brasileiros?

Todas as crianças sonham com futebol, eu sonhei, mas a partir dos 10 anos percebi que definitivamente não era possível. Tenho um irmão mais novo que chegou até as divisões de base do Botafogo (sou de uma família 100% alvinegra), quer dizer, treinou em uma das escolinhas, ali perto do Méier, onde morávamos. Ele tinha uma condição muito melhor do que a minha. Com 10 anos eu já sabia que o futebol era uma ilusão superada. Até lembro daquela fala do Eduardo Galeano, que diz assim: “quando era criança ele fazia gols de bicicleta e gols memoráveis, mas só de noite, enquanto dormia”.

Você descreveu um momento em que havia muito preconceito em relação ao futebol ser um objeto de estudo da academia. Contudo, podemos dizer que hoje isso já

diminuiu. Quais eram os principais desafios nos estudos iniciais sobre a temática esportiva, principalmente sobre o futebol, quando a produção bibliográfica ainda era incipiente no Brasil?

Eu creio que quem vivenciou nos anos 70 e 80 o meio acadêmico, percebia que se tinha pela frente um muro. O futebol estava completamente alijado da universidade, inclusive por conta do próprio uso que o regime militar fazia deste esporte. O pouco que se escrevia na época era sobre o futebol enquanto manifestação política, instrumento de alienação. Joel Rufino dos Santos publicou o livro Futebol e Política, da coleção Tudo é História, se eu não me engano, em 1980. Quando se falava mais academicamente de futebol, era como uma máquina política de controle e alienação das massas. Até aparecer a iniciativa do Roberto DaMatta, que foi fundamental, e antes dele o trabalho da Simoni Guedes, com uma dissertação de mestrado de 1977. Imagino que o Roberto DaMatta, vendo o belo trabalho da Simoni, pensou, “bom, é possível”, e deu aquele passo no sentido de organizar um livro. Para ser respeitado como tema de estudos, o futebol preci-

sava de alguém que já tivesse uma posição na academia, e ele já tinha um certo renome nos anos 1970 e 1980, já tinha escrito ‘Carnavais, Malandros e Heróis’. Ele então lança a coletânea “Universo do Futebol” em 1982. Enfim, são pequenos movimentos, quase que pregando no deserto, que foram pavimentando o caminho que temos hoje. Quando chegam os anos 1990, o Mauricio Murad organiza o Núcleo, um núcleo permanente, consegue juntar um acervo bibliográfico, e eu tive acesso a esse acervo. Mesmo naquele instante ainda havia, principalmente na Geografia, algo do tipo: “você tá louco? como é possível isso?” [Gilmar Mascarenhas possui Doutorado em Geografia, cuja pesquisa é voltada ao futebol].

Você passa a compor o Núcleo como integrante?

Não propriamente. Na época eu tinha uma vida atribulada. Eu tinha filhos pequenos e trabalhava ao mesmo tempo na UERJ e no Colégio Pedro II. Conciliava os dois trabalhos e não tinha muito tempo para participar. Mas era um simpatizante do grupo.

E quais temas, questões e aspectos dentre a produção brasileira sobre a temática esportiva ainda precisariam ser pesquisados de forma mais detida?

Agora não me vêm muitos exemplos, mas há certamente. No caso da Geografia, o futebol no Rio de Janeiro tem uma trajetória peculiar. Até 1975, quando houve a fusão dos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, além do Campeonato Carioca ocupar grande parte do calendário no ano, havia um lugar cativo para os clubes suburbanos São Cristóvão, Bonsucesso, Madureira, Campo Grande, Olaria, Bangu. Os clubes sabiam que durante seis meses do ano, além de participarem em certos momentos da competição nacional, que havia se expandido naquele momento, tinham o prestigiado campeonato carioca. Em 1975, a fusão começa a trazer lentamente os clubes do antigo do Estado do Rio, como Campos, Macaé, Saquarema, Cabo Frio, Nova Friburgo, Resende, Volta Redonda, que vão tirando o espaço dos outros clubes. Esse é um tema a ser estudado. O impacto da “fusão” no futebol suburbano, que quase desapareceu, bem como os estádios desses clubes. O São Cristóvão ainda teve um último lapso de

vida quando o Ronaldo Fenômeno jogou alguns meses ali. Esse é um tema: o futebol suburbano do Rio de Janeiro. Outro tema, ligado mais à história social do futebol, são as ligas suburbanas que existiram. O Engenho de Dentro, bairro dos ferroviários, teve uma liga de futebol. O bairro das oficinas ferroviárias, onde hoje está o Engenhão. Tinha uma população muito numerosa, que depois se juntou num conjunto habitacional dos ferroviários na década de 1960. Há uma história silenciosa sobre o futebol suburbano. Por exemplo, fala-se muito sobre o Vasco e a Revolução Vascaína: “o Vasco é o primeiro time grande a escalar negros...”. O Vasco era um time suburbano. A classificação era essa e, enquanto tal, acolhia jogadores de origem humilde, o que significa reunir também mulatos e negros. Clubes de elite eram Flamengo, Botafogo e Fluminense; os clubes suburbanos que não tinham essa distinção e por isso eram permeáveis a mulatos e negros. A maior façanha do Vasco foi ter dinheiro, por conta de um grupo de comerciantes portugueses que estava interessado em reforçar a imagem de um grupo empreendedor no contexto antilusitano da Primeira República e que viu no

Vasco a possibilidade de mostrar sua capacidade enquanto colônia na cidade. Então, esse grupo de comerciantes faz uma espécie de “seleção suburbana” no Vasco, que ganhou o campeonato de forma incontestável em 1923. Há muito o que estudar, como os estádios, tema que me ocupa agora. Com relação a todas as demais modalidades esportivas, as lacunas são profundas...

Na tese de doutorado, você teve como proposta definir os aspectos da configuração socioespacial do Rio Grande do Sul que auxiliaram no advento do futebol nos campos e planaltos rio-grandenses. Porém, quais aspectos iniciais – antes mesmo de iniciar a pesquisa – o levaram a escolher o Rio Grande do Sul como objeto de reflexão? Como foi esse fluxo migratório: um carioca estudando em São Paulo e tendo como objeto o futebol gaúcho?

É uma boa pergunta. Quando comecei a trabalhar com futebol, minha ideia inicial era fazer uma geografia urbana, pensar os espaços do futebol na cidade. Mas depois, lendo a história social do futebol, percebi que havia uma lacuna imensa

que seria geografizar essa história do futebol. Seria interessante fazer uma geografia histórica do futebol, um projeto muito ambicioso, mas eu estava com vontade de fazer isso. Por ocasião de eventos acadêmicos, entre 1995 e 1998 estive em Manaus, Fortaleza, Natal, Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Curitiba, Florianópolis. Visitei os principais centros de futebol do Brasil. O primeiro trabalho que apresentei sobre futebol, em 1997, no Encontro Nacional de História do Esporte, foi sobre a difusão desse esporte no Brasil, comparando várias cidades do Brasil inteiro, tentando mostrar que cada local tinha uma velocidade diferente, um tempo próprio no processo de adoção do futebol, conforme as circunstâncias. Abordava a rede urbana, o sistema urbano nacional, para entender aonde o futebol chegava; as cidades portuárias e as cidades industriais eram os principais pontos de adoção do futebol, o ritmo tinha a ver com o dinamismo que cada cidade tinha. Comecei assim a trabalhar numa escala nacional. Ao estudar o Brasil inteiro é que fui descobrir a precocidade impressionante do Rio Grande do Sul, que é muito mais do que ter o esporte clube Rio Grande, clube

mais longo do Brasil. Muito mais do que isso. Porque São Paulo tem clubes que nasceram antes. Mas é o fato de que o primeiro estado brasileiro a ter um campeonato estadual com uma cobertura territorial abrangente foi o Rio Grande do Sul. Enquanto São Paulo estava montando um campeonato que abrigava cidades como Santos, São Paulo, Campinas, Jundiaí e Sorocaba, que exigia deslocamentos curtos, o Rio Grande do Sul já tinha um campeonato que juntava toda a fronteira sul, Uruguiana, Bagé, Livramento, Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre. Ou seja, um sucesso de adoção e difusão do futebol impressionante. Falei: “vou estudar isso aqui”. A conclusão a que eu cheguei é que as vantagens do Rio Grande do Sul eram basicamente duas, muito importantes: uma era o fato de ser vizinho do eixo do Prata-Uruguai-Argentina, berço do futebol sul-americano. O primeiro confronto de seleções nacionais é Inglaterra e Escócia. O segundo deveria ser Inglaterra x Irlanda, Inglaterra x Bélgica, ou algo do tipo. Mas o segundo confronto entre seleções é, de forma surpreendente, Argentina x Uruguai. Isso é um dado impressionante. O Rio Grande do Sul, mais do que vizinho, é

um irmão, porque havia a região do pampa, da campanha gaúcha, de planície, da agropecuária, que era quase uma só região. O Uruguai nasce em 1830, a República Oriental do Uruguai, por uma questão de disputa portuária e econômica com a Argentina. Mas o Uruguai nasce sobre um espaço que é um conjunto só, o espaço do gaúcho. Essa identidade platina é muito forte, culturalmente falando. Existia uma fronteira, mas existia também um trânsito impressionante para todos os lados. Vizinhos que adotaram o futebol antes da França e de outros países europeus, e com os quais o RS tinha uma relação intensa. Esse é um fator muito importante. Outro fator é a base esportiva alemã. O futebol, quando chega às cidades no final do século XIX, causa um grande estranhamento, porque realmente é um esporte muito esquisito. Colocar homens adultos e de distinção social de bermuda para correr atrás de uma bola, chocar um com o outro, cair sentado; ainda mais quando comparado a esportes mais tradicionais, já consolidados, como a esgrima, arco e flecha, remo, hipismo, nos quais o esportista se reveste de uma elegância, de uma destreza. No futebol você se expõe ao ridícu-

lo. Na França, por exemplo, o futebol chega pelo porto de Le Havre, um dos mais próximos da Inglaterra, e as primeiras exibições dos ingleses ali são consideradas como coisa de “palhaços de circo”. O futebol causava muita resistência no começo, uma impressão estranha. Além disso, no caso do Brasil, um país que não desenvolveu uma cultura de ginástica, como tinha a Alemanha, Suécia e outros países, que acreditavam que a atividade física era benéfica. O Brasil, ao contrário, tinha uma sociedade escravocrata, na qual o esforço muscular era extremamente mal visto. O Victor Melo mostra isso: a grande revolução do Remo foi a de dizer: músculo pode ser algo bonito, pode ser uma nova estética do homem burguês. Nesse país avesso à atividade física havia mais uma resistência. No Rio Grande do Sul, os alemães, logo que chegaram, criaram seus clubes. Não é a toa que o E. C. Rio Grande, o mais antigo do estado, é fundado por alemães e ingleses, sendo que estes estavam por todo o Brasil. E o Grêmio de Porto Alegre também foi fundado por alemães, em 1903. Então, essa base esportiva alemã, juntando com a platinidade, foram os fatores que levaram a esse êxito precoce do Rio

Grande do Sul em relação a qualquer outro estado do Brasil, mesmo São Paulo.

Um dos pontos principais da tese aborda a ligação rio-grandense com as metrópoles do Rio Prata, ou seja, os fortes vínculos das cidades gaúchas – como Rio Grande e Pelotas – com os parceiros platinos, geograficamente mais acessíveis, Montevideu e Buenos Aires. Podemos ampliar essa análise geográfica para outras regiões do país que também desenvolveram intensas relações fronteiriças com países sul-americanos?

O Brasil tem grande parte de sua fronteira na região amazônica, bastante despovoada. Depois tem outras fronteiras no Centro-Oeste que também são muito despovoadas. As fronteiras mais vivas são a que nos liga ao Paraguai pela região de Foz do Iguaçu, mas a ocupação do oeste paranaense é um dado já do século XX. Quando o futebol aporta no Brasil, no final do século XIX, a única fronteira viva e ocupada era a fronteira com o Uruguai. Para você ter uma ideia, no começo do século XX, a correspondência postada por uma pessoa

que morasse na região da campanha gaúcha (Bagé, Livramento, Pelotas) ia de trem até Montevideu e depois de embarcação até o Rio de Janeiro. Era o caminho mais rápido que tinha. Nesse sentido, o sul do Rio Grande do Sul estava mais conectado ao Rio de Janeiro que ao Paraná ou mesmo Santa Catarina. Era uma conexão intensa, via Uruguai. Como os uruguaiois adotaram o futebol precocemente, os gaúchos contaram com esse intercâmbio fundamental.

A tese aborda diversos aspectos sobre essa geografia do lugar – entre eles, as conexões com o Império Britânico e o capitalismo, os laços com os países do Prata, o reconhecimento de outros agentes de difusão antes ignorados. Vale destacar, porém, que apesar de ultrapassar a barreira da análise esportiva, a análise não exclui o valor e as especificidades intrínsecas ao jogo, pois para adentrar numa sociedade e ser reconhecido, um elemento novo precisa demonstrar ter um grande valor. Quais eram – e são – esses atributos intrínsecos ao futebol que permitiram o sucesso da modalidade no Brasil?

Embora tenha enfrentado uma resistência inicial, o futebol tem aquelas facilidades tão clássicas de improvisação. Uma modalidade com regras de muito fácil assimilação. A única regra complicada, o *offside* ou impedimento, é abolida do futebol informal. Então existe essa facilidade de assimilação e improvisação, já que não demanda equipamentos, nem uma bola que quique bastante, como no basquete. É possível improvisar quase tudo no futebol. Como lembra o Joel Rufino, quando o futebol chega ao Brasil, a população que é egressa da escravidão, o negro pobre, não tem trabalho, já que está concentrado nas mãos dos imigrantes; o que ele tem é o tempo, seu corpo e espaço, pois as cidades ainda não tinham esse cercamento que têm hoje. Essa população marginalizada, que abundava nas cidades no começo do século no Brasil, encortçada, vai encontrar no futebol um meio de diversão, de copiar algo legitimado socialmente, que era tão aplaudido pelas elites. Então o futebol tem elementos que são inerentes a ele e que no caso do Brasil adquirem uma potência em função das condições urbanas e da situação social das camadas que eram ociosas, por força de uma condição de marginalização.

É possível pensar, num futuro próximo, em novos processos de integração social e cultural, pelos mais diversos caminhos e fluxos, que catalisem a ascensão de alguma modalidade possa vir a ter o mesmo destaque no Brasil?

Embora eu nunca tenha parado para refletir sobre isso, eu vou arriscar dizer que acho muito difícil num futuro de curto prazo. O Brasil se urbanizou sendo colonizado pelo futebol. Temos a força de um Brasil urbano em movimento e o futebol é um elemento dessa urbanização. Está agarrado a essa urbanização. Para que houvesse outro esporte só uma mudança muito profunda na sociedade e na estrutura urbana, para poder acolher de forma tão extensiva um novo esporte. O futebol, assim como o beisebol nos países da região do Caribe e o críquete na Índia, são esportes que tiveram a sorte de entrar num país num dado momento de conformação de uma sociedade e de um território, e que havia um todo um espaço a ser preenchido. Acho muito difícil imaginar qualquer outro esporte, embora outras modalidades tenham êxito hoje, como voleibol e as lutas de MMA mais recentemente,

mas eles não serão capazes de colonizar as cidades como o futebol fez.

Então o futebol teve um papel decisivo para uma valorização da identidade nacional no século XX. Mas é possível que ele continue a ter?

O futebol perdeu força sociocultural no Brasil. Como um elemento constitutivo da vida social urbana, o futebol atingiu um certo apogeu no período aproximado entre as décadas de 1940 e 1960, quando o futebol, uma vez consolidado já na década de 1930, começa a chegar às cidades pequenas e vilarejos. Em 1950, o Brasil é um país em que o futebol está em todo o território nacional. Nunca pesquisei isso, mas o que já pude observar mostra um país na década de 1950 e 1960 com uma população masculina toda engajada em clubes de bairro, clubes da fábrica. Havia um engajamento muito grande no futebol e quase um monopólio da modalidade, apesar do sucesso do basquete nos anos 60. Da década de 1970 em diante começa a ter a televisão como novo espaço de consumo do esporte, e o sucesso da Fórmula 1, do voleibol. A cul-

tura esportiva do Brasil vai ficando um pouco mais heterogênea. Mas alguns esportes saíram perdendo. O pugilismo, por exemplo, era muito popular. Mas o futebol já gozou de maior hegemonia na década de 1960. E hoje, com essa nova economia milionária do futebol, na qual os jogadores são estrelas, começa a haver uma redução da simpatia do torcedor com o jogador. Se lembrarmos que um jogador da década de 1950 como o Zizinho pegava o bonde ou o trem para ir jogar no Maracanã. Conheci pessoas que diziam ter presenciado Zizinho pegar o trem de chinelo e com as chuteiras no ombro para ir ao estádio. Garrincha ia num caminhãozinho aberto, com seus amigos de farra e ia para o Maracanã para jogar; o jogo acabava, subia nessa carroceria aberta e ia bebendo e cantando até Pau Grande. Esses ídolos eram pessoas comuns. O Nílton Santos conta que quando era jovem morava na Ilha do Governador, na época que não tinha ponte, era barco. Era uma ilha, com pescadores, oleiros etc. Ele era jovem, jogava na rua e nos campinhos, até que chamaram para jogar futebol profissional. Ele disse: “O que é isso? Não tem como. Quem sou eu? Aqueles caras são muito bons”, “Como

você sabe?”, “Eu escuto no rádio, os caras fazem acrobacias, o goleiro voa”. Ele nunca tinha ido a um jogo de futebol profissional, e imaginava performances fantásticas, que a mídia evocava. Ele achava por isso que não tinha capacidade, mas quando enfim presenciou uma partida de profissionais viu que era simples para ela, e foi um dos maiores jogadores que o país já teve. Ele conta também que gostava de vencer o Flamengo pois: “poxa, na segunda eu vou na feira com a patroa e se o Botafogo perder para o Flamengo no domingo vai ser aquela gozação”. É o homem comum, que vive na rua, que vai à feira com a esposa. E como é hoje? Jogadores têm situações completamente diferentes. Outro dia, o Jóbson, atacante que jogou no Botafogo, ganhou uma Ferrari num país árabe. É difícil construir um ídolo como foram Zico, Roberto Dinamite, Garrincha, com essa nova situação que aí está. Acho que hoje existem muito mais pessoas descrentes com o futebol. Tem aquela história de que pessoas morreram enfartadas na derrota do Brasil na Copa de 1950. Eu não consigo imaginar ninguém enfartando hoje, numa Copa aqui no Brasil, apesar do risco cardíaco ser muito maior que outrora,

pelo envelhecimento da população, alimentação ruim etc. Acho que o futebol já foi muito mais uma religião do que ele é hoje. Ele perdeu espaço. O vigor patriótico associado ao futebol já não é mais o mesmo, a gente percebe isso nitidamente a cada copa do mundo.

Frente às demais práticas esportivas, como os que você citou, por exemplo, basquete e voleibol, que por vezes ficam restritas a determinados espaços ou cidades específicas, um diferencial do futebol, do ponto de vista geográfico, é o fato de se expandir e espalhar pelo Brasil inteiro, não somente em sua dimensão profissional, mas também em suas diferentes expressões e formas improvisadas?

Um esporte para ser popular tem que ser praticado também. Quando o Emerson Fittipaldi criou um público de Fórmula 1 houve até uma boa continuidade com outros pilotos, mas é um esporte que sempre será restrito à ideia de que eles são apenas para consumo pela televisão. O próprio basquete, embora tenha crescido no Brasil, é muito limitado pela própria estrutura do país que não tem uma política esportiva,

não tem quadras em todas as escolas. Essas modalidades enfrentam essas dificuldades. Um país como a Argentina, que leva um pouco mais a sério a prática esportiva, tem pessoas que praticam mais esportes do que aqui no Brasil. Não vou nem falar de Espanha ou da França, onde morei por curto tempo, e outros países da Europa. Nunca houve um apoio estatal de incentivo ao esporte no Brasil. E quando surgiu o Ministério dos Esportes em 2003, ele surge enviesado, voltado para o esporte de alto rendimento, e para produzir os megaeventos, favorecer as federações e fazer o espetáculo do esporte. Essa é uma grande lacuna na história do nosso país. Há pouco tempo realizou-se um evento na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro sobre o João Saldanha. A torcida do Botafogo levantou uma faixa assim: “Estádio João Saldanha” (em relação ao Estádio João Havelange). Essa faixa gerou debates e houve uma audiência sobre o assunto na Câmara dos Vereadores. Estava presente o filho que João Saldanha, que revelou um fato interessante. Quando o José Sarney assume a Presidência da República e o Marco Maciel é o ministro da Educação e Cultura, pasta que agregava o

esporte, ele convidou o João Saldanha para ser secretário de esportes, ou algo do tipo. O João falou assim: “eu só aceito se você disser que vai ter dinheiro para fazer do esporte uma prática comunitária nas escolas. É para isso que tem que existir uma política de esportes. É para isso que você vai me chamar? Se não for, eu não quero. O país precisa praticar esporte na escola”. O Saldanha já tinha essa visão, assim como hoje o Juca Kfoury afirma: é um absurdo um país que não pratica esportes olímpicos fazer Jogos Olímpicos. O Brasil tem uma defasagem muito grande em relação a vários países quando o assunto é a política de esporte escolar ou comunitário.

Como foi a sua experiência recente no pós-doutorado em Paris e de que forma está relacionada aos seus projetos atuais?

Foi muito positiva. Nessa estadia na França, tive dois ganhos importantes. O primeiro foi poder acompanhar de perto os Jogos de 2012 em Londres, conversar com moradores, colegas e especialistas, e vislumbrar para muito além do que circula. Acho que os Jogos de 2012 são um marco, na minha

opinião, com uma proposta que parece representar uma fase nova, que começar a baixar um pouco a bola do gigantismo. Fazer os Jogos numa área decadente, recuperá-la, com índices muito baixos de remoção se comparados ao Brasil e China. Por isso foi um marco. Pena que o Rio de Janeiro não vai dar sequência a isso. Acredito que o Rio de Janeiro será o último exemplo deste modelo violento e de gastar de forma extravagante, pois o COI já percebeu que isso também desgasta a imagem do Comitê Olímpico. Quando o COI escolheu recentemente Tóquio para os próximos Jogos, foi uma escolha bastante estratégica. Com Madrid, seria enfrentar uma situação econômica instável, um pouco complicada. E Istambul provavelmente repetiria o Rio de Janeiro em termos de turbulência social e política. Em Tóquio, existe uma sociedade que em geral quer os Jogos e o país tem recursos financeiros. Meu segundo ganho no pós-doc foi conhecer uma boa literatura sobre a “cidade festiva”. Quem trabalha com este tema de megaevento acaba lendo só sobre Copa do Mundo e Olimpíada, mas existe uma literatura sobre eventos de um modo geral, que traz outras facetas, como a da festa em si

(há um grande debate) e que nos leva a entender melhor essa política de cidade vitrines, ou seja, os ganhos que os eventos trazem para alguns setores da economia urbana. Não se trata de questionar: qual a cidade ou qual o país? A pergunta é: que segmentos e setores vão ganhar e quais vão perder? Existem setores vitoriosos em cada megaevento. Setor hoteleiro, setor de construção, dividendos políticos. Mas, enfim, essa literatura me deu condição de pensar a Olimpíada e a Copa do Mundo numa visão um pouco mais abrangente para além do esporte, e pensar as estratégias urbanas de visibilidade. O que se disputa são horas de transmissão, horas de visibilidade, horas de exposição, e ao mesmo tempo são mobilizados recursos identitários e a própria paixão.

Nesse cenário, que começou em 2007, teremos Copa de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016. O Brasil recebeu e vai receber três grandes competições esportivas. Como você avalia essa organização? E o que aprendemos com os Jogos Pan-Americanos, se é que aprendemos alguma coisa, para projetar os dois próximos eventos?

O que o COB fala é que os Jogos Pan-Americanos foram o nosso vestibular para se fazer a Olimpíada. Acredito que o Brasil já tinha condições materiais e de capacidade logística para organizar a Olimpíada, mas faltava o aval, uma espécie de aprovação internacional em relação ao país, que tem sua imagem internacional muito ligada à favela, crianças de rua, violência etc. Desde que o governo PT entrou, o Brasil tem apresentado uma política externa de projeção de uma potência emergente, e os Jogos fazem parte da construção de uma imagem do *softpower* do Brasil. Acho que os Jogos Pan-americanos foram uma exibição ao mundo do quanto o país tinha know-how e dinheiro. Foram os Jogos mais caros da história. O Brasil mostrou uma capacidade logística, mas sobretudo vontade política e poder econômico. Para dizer, enfim: “Olha como nós gastamos com os Jogos Pan-Americanos”. Impressionou o mundo inteiro para mostrar que estava pronto para fazer uma Olimpíada. Acho que os Jogos Pan-Americanos, apesar de todos os problemas, foram bons também para se desenvolver, devido ao trabalho de uma militância, uma visão crítica em relação a isso. Porque essa visão

crítica não existia. Se hoje a população olha para a Olimpíada e para a Copa com alguma desconfiança é porque isso foi construído lá nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro. Acho que começou lá. Acho que existe o legado de ampliação de uma consciência política. Se não fossem os Jogos Pan-Americanos teríamos um pouco mais de trabalho para criar essa massa crítica que nós temos hoje. E vários colegas do exterior, da França, Noruega, que estudam o tema, falam: “olha, estamos achando que será a Olimpíada mais conflituosa da história”. Porque realmente é uma eclosão de resistência muito interessante. E eles falavam isso antes dos episódios de junho de 2013. Essa disposição inédita para dizer não ao espetáculo. Voltei ao Brasil no final de maio. Cheguei e me deparei com o que estava acontecendo. Eu já estava entusiasmado com o que aconteceu antes no Rio de Janeiro, a movimentação em relação à luta pela aldeia Maracanã. Uma luta memorável. Nos meses de janeiro e fevereiro de 2012, pelo pude acompanhar à distância, foram de luta e de repercussão internacional. E todos lá fora dizendo: essa é uma luta ganha, o governador não vai querer tirar índio dali.

Aí o Cabral vai e tira. Aquilo me surpreendeu. O senso comum no Brasil infelizmente vê o índio como vagabundo e alcoólatra, e o Sérgio Cabral apostou nisso. Mas houve muita mobilização contra. Essa mobilização vem crescendo. O Comitê Popular da Copa reúne semanalmente 15-20 pessoas. O Comitê Social do Pan reunia 5 ou 6 pessoas. É uma mudança de escala significativa. Além disso, o Comitê Popular da Copa tem reuniões semanais. Eu não lembro de ver outros movimentos populares no Rio de Janeiro com esse vigor, essa regularidade, essa permanência, o que coloca os organizadores dos Jogos numa situação de preocupação. Não é uma eclosão esporádica, mas sim uma crítica constante, há um monitoramento constante. Mas quem também ajudou a projetar isso foi a surpreendente atuação do deputado federal Romário, com uma penetração popular gigantesca. O Romário tem um papel importante na difusão dessa postura crítica. É fácil a gente convencer uma classe média escolarizada sobre os gastos abusivos etc. Mas convencer uma população ultramarginalizada, que não tem acesso a informação qualificada, é difícil. E o Romário chega nas camadas populares, porque é

visto como alguém que é como eles, que conservou uma fala popular, uma certa molecagem que destoa do ambiente oficial. A fala dele tem um alcance muito grande. Enfim, aprendemos com o Pan 2007 como este jogo é jogado, de forma que estamos muito mais atentos agora.

Pensando no modelo urbanístico do Rio de Janeiro na organização dos Jogos Olímpicos, você acha que existe um planejamento? Muito se fala dos Jogos de Barcelona, como um modelo, onde houve um legado urbano, embora a cidade ainda tenha seus problemas. Você acha que isso está sendo pensado para o Rio de Janeiro? Mudar não só o esporte, mas pensar o impacto na cidade, um legado urbanístico.

Com certeza houve planejamento. A questão é o tipo de planejamento. A partir de 2000, o COI passou a exigir que todas as candidaturas tenham uma preocupação explícita com o legado, em vários setores, como no transporte, no ambiental. Isso é uma exigência do Comitê Olímpico. A questão é que legado é uma ideia em si muito vaga. Barcelona se afirmou

como um modelo muito em função de ser a cidade do então presidente do COI, José Samaranch. Mas era uma cidade que já vinha mudando, se redemocratizando, dentro de um país cuja economia era uma das que mais cresceram entre as décadas de 1980 e 1990. O país que mais se beneficiou da União Europeia foi a Espanha. A Espanha viveu um boom econômico fantástico a partir dos anos 80. Barcelona iria se projetar com certeza. Algo que pouco se fala dos Jogos de Barcelona é que um dos méritos daquele projeto foi ter sido construído sob uma gestão socialista pós-Franco que estabeleceu que deveria haver uma melhor distribuição de instalações no espaço urbano. Era uma concepção de evento que englobava toda a área metropolitana da cidade. Em 1996, quando o César Maia vai levantar a candidatura Olímpica para 2004, ele contrata a consultoria catalã, que fala assim: “olha, tem que espalhar os benefícios pela cidade”. O César Maia gostou? Claro que não. Mas naquela ocasião, houve no Rio uma candidatura com uma certa transparência, de participação. O Betinho participou ativamente, havia um certo diálogo, resultando num projeto que teria a empobrecida Zona Norte

do Rio como centralidade do evento. Na candidatura seguinte não houve isso, foi bem mais fechada, montaram seus grupinhos, que concentrou na Barra os investimentos. Os Jogos de Barcelona tem um lado positivo por estar sediado em um país em crescimento e em reconstrução da democracia; segundo, com um projeto de Jogos que trazia elementos de uma concepção geográfica de distribuição dos benefícios. Mas também tem um lado complicado de Barcelona, um lado B. Houve remoção em larga escala e essa história não se conta. O bairro onde está a Vila Olímpica era uma área operária, o bairro Icária, com várias fábricas. Montjuic igualmente foi alvo de intensa remoção de população. Mas Barcelona vendeu bem sua imagem. E Londres diz hoje que seus Jogos foram melhores que o de Barcelona. Afirma que removeram muito menos gente e que teve a preocupação de reforçar o transporte na região leste de Londres, complicadíssima, de imigrantes pobres. Houve um ganho para a periferia com um nível de remoção baixo. Comparando friamente, Londres teria sido muito superior ao de Barcelona em legado. Mas o Rio de Janeiro não se pautou em nenhum dos dois. Está mais

relacionada àquela proposta monumental de Pequim. Atenas também fez obras monumentais, mas a um custo social e econômico absurdo. Enfim, o Rio pagou pela consultoria catalã, mas trilhou o caminho chinês.

Você falou que a palavra legado é muito vaga e recente dentro desse contexto olímpico. É possível pensá-la para o Rio de Janeiro?

O legado da Copa no Rio será um estádio amplamente reformado, que alguns gostam e outros não. E a implantação dos corredores de ônibus, que eu considero um legado bastante polêmico, porque são três linhas que supõem a Barra como centralidade principal do Rio. Essas linhas não estão na direção que a massa trabalhadora usa em seu dia a dia. Sem falar que o governo do PT, o governo Lula, elegeu a mobilidade urbana como o principal legado da Copa. Uma escolha perfeita. O problema é: trata-se de que tipo de mobilidade urbana? Deveria ser transporte sobre trilhos, deveria ser metrô, mas o quê o governo alega? “Não dá tempo de fazer”. Então será ônibus mesmo. A cidade vai se rodoviarizar ainda mais, se

poluir ainda mais. Então o legado da Copa são os estádios novos e um legado de transporte que só investe nesse modelo rodoviarista extremamente anacrônico. Sobre as Olimpíadas, vão trazer novas instalações, sendo que algumas virarão elefantes brancos, sem uso, enquanto que outras serão desmontadas; e no que diz respeito ao transporte urbano teremos a expansão do metrô para a Barra da Tijuca. É um absurdo, pois será o único metrô linear do mundo. Todos os especialistas concordam que é um erro. Tem que ser uma coisa reticular. Mas o governo fala: “não temos dinheiro para tanto, só para isso aqui”. Mas por que a Barra? Porque ali serão os jogos. Então o critério de definição do traçado do metrô é o recorte de um evento, e não as necessidades de uma cidade inteira. O próprio governador já admitiu, mas terá que ser assim. É um legado de remoções intensas, muito descontentamento e revolta popular em uma cidade que está se redesenhando profundamente. E não posso deixar de citar o Porto Maravilha, que não estava previsto no projeto das Olimpíadas, entrou depois. Havia antes um debate em que a Prefeitura queria um porto turístico e o Governo Federal

defendia outros projetos, de cunho social. Havia essa divergência. Quando chega a Olimpíada, o cenário muda. O Governo adere a essa visão neoliberal e a zona portuária deixa de ser para os pobres. O Porto Maravilha será uma reforma gigantesca, inédita e que o pobre só entrará como pitoresco, folclore. O teleférico vai chegar lá e ele passa ao lado de uma grande casa, azul, nova, com uma águia da Portela. O que é isso? Nessa casa mora uma antiga passista octogenária da Portela, que atua como uma espécie de cartão de visita. Ela vai ao portão, fala com todo mundo, conta histórias, faz rir. Como se fosse para mostrar: “olha, o Rio está se modificando, mas o povo está aqui, eu sou povo, sou negra, sou a pobreza, eu sou o samba”. É o jogo de espetacularizar a pobreza e uma identidade cultural da cidade. Basicamente é esse o legado. Uma cidade muito mais cara, tal como Barcelona também ficou muito mais cara. E uma cidade com um alto grau de exclusão. O Rio de Janeiro tem uma grande peculiaridade: em função de seu sítio e relevo, mais do que qualquer outra metrópole do Brasil, consegue conjugar vizinhança de espaços de classe média alta com espaços pobres. Isso é uma

coisa muito do Rio de Janeiro. Para mim, é algo muito rico, essa “mixité” como dizem os franceses, é fantástica. Se tem serviço no bairro, a favela pode desfrutar da mesma forma. O bairro nobre é um mercado de trabalho para a favela. Mas essas mudanças vão cortar um pouco isso, os espaços estão gentrificados e muito mais caros hoje. É uma mudança radical na cidade. Surge uma cidade bem mais capitalista e elitista.

Sobre os estádios modernos, procurou-se mudar para ter uma concepção integrada do ver e sentir. Você acha que poderá ocorrer uma desconexão desse sentido inicial, visto que os estádios sendo construídos muito mais para ser ver? Já é possível inferir isso?

A concepção do novo estádio é para ver, ser assistente passivo. Mas eu creio que tem havido um afrouxamento da vigilância sobre estes espaços. Ainda ontem [após a partida entre Cruzeiro e Botafogo pelo Campeonato Brasileiro de 2013], no Mineirão, muitas pessoas estavam em pé, e vinha um funcionário do estádio para tentar em vão convencer diversas pessoas a sentar. É um afrouxamento do controle

que não acontece por acaso. Acho que a política é: vamos tentar conciliar diferentes grupos que vão ao estádio. Esse público que vai para ficar em pé e cantar promove essas sensações no estádio. Está acontecendo agora, acho que a tendência é ocorrer uma reapropriação do estádio.

Gilmar, muito bem. Para encerrar poderia dizer qual foi o seu grande jogo, inesquecível?

É difícil escolher um. Fácil dizer que seria o campeonato de 1989 no Maracanã contra o Flamengo. Foi aquela conquista depois de 21 anos de espera. Esse é inesquecível e eu estava no Maracanã. Ou o 6×0 da minha infância, que jamais foi devolvido integralmente, pois com direto a gol de letra e em pleno dia de aniversário do rival. Poderia falar de um jogo bem recente, e que não vou esquecer, pois foi estreia da minha sobrinha e do meu afilhado no Maracanã, contra o Corinthians. Eu pensei: “que pena, eles vão conhecer um Maracanã asséptico, tão diferente de outrora”. Mas o estádio lotou, a torcida do Botafogo fez uma grande festa e quando o gol saiu no final, as pessoas foram ao êxtase, todo mundo se abra-

çando, gente chorando. Esses meninos puderam ver um instante que para mim eles não veriam nunca mais. Acho que esse jogo não vou esquecer, vitória contra o Corinthians, 1 x 0, gol aos 40 minutos do segundo tempo. Por reviver no Maracanã algo que eu achava que eu não iria viver mais: aquele espírito de vibração e confraternização. Mas tem tanto jogo que é difícil escolher... Por isso vou ficar com uma partida que assisti em 1998, numa semana que passei na África do Sul. Foi em Joanesburgo, no estádio Soccer City (hoje FNB Stadium, reformado para a Copa). Jogava o Orlando Pirates, um espécie de Flamengo ou Corinthians de lá, pela sua imensa popularidade, contra um clube de pouca expressão, e era semifinal de uma competição tipo mata-mata. Eu hesitei em ir, apesar da imensa vontade, pois os brancos me diziam que não deveria ir, por ser perigoso, eu havia tiroteio etc. Já os poucos negros com quem conversei diziam que era uma festa tranqüila. Lamento não ter levado a câmera fotográfica, pelo medo que me incutiram (e de fato conheci lá um jornalista amador argentino, que filmou no Soweto mas depois teve que deixar a câmera lá, levando consigo apenas o filme).

Mais de 50 mil pessoas, num espetáculo de alegria e cores indescritível. Já na chegada, vi caminhões vindos da periferia ou do interior, lotados de torcedores do Pirates. Lá dentro, de fato só vi um branco, um rapaz que batucava na torcida organizada. Muitas mulheres, com roupa coloridas, todas dançando sem parar. Os que souberam que eu era brasileiro me abraçaram, difundiram a informação e fizeram festa. E o jogo? Sensacional, apesar do 0 a 0, pois ambos os times fizeram um futebol arte e muito lúdico. Bastante irresponsável o Orlando Pirates, que dependia do empate para seguir na competição e se arriscou muito. Logo no início percebi que minha atitude destoava, pois somente eu vibrava quando “nossos” (torci pro time da casa, claro) jogadores davam carinho para lateral ou salvavam um perigoso ataque do adversário. Os torcedores queriam ver jogadas bonitas, lençol, caneta, zero pragmatismo. Penso que hoje, mais de 15 anos depois, o cenário deva ser distinto, infelizmente, daquele contexto festivo e romântico que pude vivenciar.

* * *

**Recebido para publicação em: 03 out. 2020.
Aprovado em: 01 dez. 2020.**